

O demônio na autobiografia de Valério do Bierzo

LEILA RODRIGUES DA SILVA*

O trabalho ora apresentado é parte de um conjunto mais amplo de textos que discutem questões da pesquisa financiada pelo CNPq, intitulada “Aspectos das relações de poder na *Vita Sancti Aemiliani*, na *Vita Sancti Fructuosi* e na *autobiografia* de Valério do Bierzo: cristianização e reorganização eclesiástica no reino visigodo do século VII”.

Fundamentada na perspectiva de que, a despeito dos *topoi*, a narrativa hagiográfica dialoga com a sua conjuntura de produção, na aludida investigação, objetivamos analisar comparativamente aqueles documentos, observando a sua relação com o processo de cristianização e com a reestruturação das instituições eclesiásticas na Península Hispânica, no século VII.

No presente trabalho, voltamo-nos especificamente para a obra de Valério do Bierzo.

Ainda que a narrativa autobiográfica produzida por Valério não seja um típico texto hagiográfico (COLLINS, 1986: 431; VELÁZQUEZ, 2005: 226; FRIGHETTO, 2006: 28-29; 34-35), sobretudo porque escrito pelo próprio autor, nela verificamos a incidência de alguns dos principais elementos presentes nas *Vidas de Santos*: práticas ascéticas, milagres e intensa luta contra o demônio. Logo, dadas as preocupações que norteiam a pesquisa antes mencionada, seguindo Isabel Velázquez (2005: 226-227), abordamos aquele documento considerando-o de cunho hagiográfico. Assim, a intenção aqui é, à luz das reflexões historiográficas sobre a atividade eclesiástica na península hispânica nos séculos VI e VII, discutir o papel assumido pelo demônio em tal relato.

Valério do Bierzo e sua “autobiografia”

As datas em torno da vida de Valério são incertas. De qualquer modo, podemos indicar que ele teria nascido em torno de 625 e falecido por volta de 700. Em 650, teria ingressado em um mosteiro (Compludo), onde ficaria por dois anos, e daí se retirado para a vida eremítica, à qual se dedicou por vinte anos. Por fim, em 672, teria voltado a se estabelecer em um mosteiro (Rufianense).

* Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de História. Doutorado.

Originário da região de Astorga, Valério era proveniente de família abastada e sua formação escolar foi a comum em seu meio social. Ao que indicam seus textos, em torno de uma dezena, o monge do Bierzo possuía um vasto conhecimento literário que compreendia, entre outras obras, algumas de Gregório Magno, Cassiodoro e Isidoro de Sevilha (DÍAZ Y DÍAZ, 2006: 45-47).

O público principal de Valério era o monástico e um dos seus mais importantes legados, como já demonstrou Frighetto (1997: 58-79), refere-se à proposição de um modelo de *vir sanctus*, com o qual, sem qualquer modéstia, procurou se identificar.

A conjuntura religiosa do noroeste peninsular, região na qual Valério atuou, esteve fortemente marcada por diferentes interesses e tendências, dentre os quais se destacavam uma religiosidade caracterizada por práticas e crenças pagãs; uma tradição ascética de cunho rigoroso que remontava ao priscilianismo; o fenômeno dos mosteiros familiares e dúplices e a existência das igrejas particulares (SOTOMAYOR, 2002: 266-271). Ou seja, o quadro era bastante heterogêneo.

Os esforços empreendidos pelas autoridades clericais no processo de organização eclesiástica durante os séculos VI e VII, do qual fizeram parte a realização de concílios, a criação de mosteiros, a produção de escritos de cunho dogmático, litúrgico, disciplinar, entre outros, desenvolveram-se, portanto, em ambiente marcado pela diversidade e conseqüentes tensões entre as hierarquias clericais e as variadas formas de expressão religiosa. No que diz respeito à vida monástica, em particular, o cenobitismo constituiu-se como a forma preferencialmente defendida pelas autoridades, já que mais facilmente sujeita à regulamentação. Tal modelo favorecia o reconhecimento da disciplina e da hierarquia, inibindo iniciativas particulares, como as que poderiam revelar um *vir sanctus*. Este, nem sempre imediatamente capitalizado pela instituição eclesiástica, ameaçava o poder constituído. Como sublinha Santiago Castellanos (1996: 82), por se configurar como elemento de coesão e controle social, o atrito destes homens com a elite episcopal e lideranças abaciais era previsível. Assim, é possível atribuir à opção eremítica adotada por Valério a razão dos muitos conflitos referidos em sua autobiografia (DÍAZ, 1997: 28-34).

Produzida em torno de 690, o escrito Valeriano é constituído por três partes,¹ compreendendo 62 capítulos^{2,3}. Em linhas gerais, na primeira delas, Valério faz um

¹ O texto completo está dividido, de acordo com a edição de Díaz y Díaz, em 62 capítulos. A primeira,

relato da sua vida, e nas outras fornece informações que complementam a primeira parte. Na obra, o autor revela nuances da sua experiência no trato com outros monges, com as autoridades locais, com as populações que o procuram pela fama adquirida e, sobretudo, descreve seu permanente confronto com o demônio que, de acordo com sua argumentação, visava afastá-lo da retidão.

O demônio na narrativa valeriana

Em linhas gerais, sabemos que o objetivo maior do diabo cristão era levar o homem ao pecado. Sua tarefa se torna particularmente trabalhosa, como lembra Baschet (2002: 324), com aqueles que buscam a santidade, assumindo na literatura a dimensão de uma verdadeira batalha. Assim, o diabo ocupa no plano literário o papel do “antagonista”. É, portanto, sua negatividade que permite o heroísmo do outro, cabendo-lhe a função, de certo modo, de indicar ao santo o caminho da santidade (VALCÁRCEL, 2003:135-136).

Daqueles sessenta e dois capítulos que compõem a narrativa valeriana, há referência explícita ao demônio⁴ em pelo menos vinte deles. Identificado como principal adversário do autor, ele é o responsável por praticamente todas as mazelas, sofrimentos e dificuldades que Valério enfrenta diante da sua meta: viver uma determinada forma de vida, caracterizando-se, assim, como um *vir sanctus* (FRIGHETTO, 1997; PEREZ SANCHEZ, 1997: 170).

A primeira das citações feitas pelo autor ao demônio anuncia o papel que o rival ocuparia ao longo do texto. O monge de Bierzo inicia o relato lembrando sua conversão, realizada em idade juvenil, e o abandono dos benefícios terrenos. Como parte desse processo, informa que desejava manter-se no mosteiro de Compludo e que acreditava

das três partes, possui 29, a segunda 27 e a terceira 6. Dos principais manuscritos que contém a autobiografia de Valério, o T, procedente da Catedral de Toledo e pertencente à Biblioteca Nacional, é apontado por este editor como o mais importante na transmissão das três partes da narrativa (DÍAZ Y DÍAZ, 2006: 104).

² Utilizamos, seguindo Díaz y Díaz, ao nos referirmos ao longo do texto a cada uma das três partes, respectivamente as seguintes abreviaturas: *Ordo*; *Repl.*, e *Residuum*. Registra-se também que as citações serão feitas com base em sua edição das obras de Valério. DÍAZ Y DÍAZ, 2006.

³ Ao longo do trabalho, utilizamos também a edição brasileira da autobiografia de Valério, que veio a público no mesmo ano da edição espanhola produzida por Díaz y Díaz: FRIGHETTO, 2006.

⁴ Assim como Gregório Magno, Valério não estabelece distinção entre diabo e demônio RUSSEL, 2003: 149. Visando padronizar a referência, adotamos preferencialmente ao longo do texto, a segunda expressão.

ter alcançado a verdade. Na seqüência, afirma não ter conseguido o pretendido devido “las olas del mar del mundo, y más aún el viento venenoso del demônio” (*Ordo*, c. 1: p. 249). Assim, embora sua estréia na narrativa tenha sido tímida, fica aqui previamente marcada a natureza da participação que terá por toda a obra e que noticia o objetivo fundamental do nocivo personagem: desviar o monge do reto caminho.

A este objetivo se relacionaria a motivação de Valério para a redação de sua própria biografia: escrita, segundo ele, para que que “quede patente a cuantos desean convertirse al Señor en la santa disciplina monástica, cuán grandes son los obstáculos dañinos de toda clase del enemigo envidioso y perseguidor (...) y cómo al que persevera en la lucha se dará la victoria (...)” (*Ordo*, 27: 277). Em consonância com esta referência, verificamos, ao longo do texto, não apenas a ação do demônio buscando causar prejuízos a Valério, mas também a todos aqueles que, como o autor, pretendiam viver com retidão, dentro da opção monástica.

No embate contra Valério, o demônio assume basicamente duas formas de atuação, que podemos identificar como direta e indireta. Ao observá-las, agrupamos como diretas todas aquelas nas quais há um enfrentamento pessoal entre os dois, com a presença física ou contato sem intermediação de outros personagens. Na forma indireta, verifica-se um confronto no qual há necessariamente a mediação de terceiros. Neste caso, ressaltamos ainda duas possibilidades: a ação do demônio por meio daqueles que estão a seu serviço e a sua atuação direta sobre personagens prezados pelo autor.

De acordo com tal classificação, Valério relata quatro situações (*Ordo*, c. 9: 257; c. 19-20: 269; c. 22: 271 e *Repl.*, c.10: 291), em que se depara diretamente com o demônio. Vejamos a primeira:

Desde un primer ataque en las tinieblas de la noche, comenzó a armar a mi alrededor con el sonido de una voz criminal un seguido y enorme ruido para asustarme horriblemente a mi que ya vivía como en continuo sobresaltado. Pero cuando vio que, confiado en el poder divino, no podía alterarme (...). (Ordo, c. 9: 257).

A lógica aqui estabelecida se mantém nos demais embates diretos: o demônio se manifesta, atrapalha, causa medo, mas não é completamente bem sucedido. O roteiro se reproduz na alusão seguinte:

Una vez que, en la celda que se había preparado para si san Fructuoso, me encerré de nuevo, no dejó el envidioso enemigo de impedirme el propósito de mi voluntad. Así, mientras oraba, o dormía, [o demônio] se me sentaba junto a mi y de lo íntimo de sus entrañas soplaba sin cesar em mis narices un

aliento pútido e insorpotable, de hedor intolerable y horrendo. (Ordo, c. 19: 269).

Em sua terceira aparição, em atitude caricata, não satisfeito por ter destruído o telhado do abrigo de Valério, o demônio persiste em sua resolução: provocar desconforto e incômodo ao autor que, igualmente, está determinado a se manter na vida monástica.

(...) por tres años completos, sin remedio ninguno, me quede a la intemperie. Más aún, mi enemigo llenó furioso mi celdilla con una intolerable y devastadora peste de pulgas, que chupándome la sangre, dejaron mi cuerpo casi del todo exangüe. (Ordo, c. 22: 271).

Na última das participações diretas do demônio, mais uma vez, ele se apresenta a Valério, durante sua fase eremítica. O monge, ao amanhecer, teria tentado sair, quando se deparou com “(...) un gigante de enorme estatura que llegaba hasta las nubes.” (Repl., c. 10: 291). Apavorado, teria, em um primeiro impulso recuado, mas, ao refletir sobre o ocorrido, decidira enfrentar o inimigo, buscando, assim, evitar que ele percebesse seu medo.

Procurando se manter em isolamento, Valério, em relato comovente, que invoca, inclusive, a possibilidade de presença corpórea do inimigo, mantém vínculo permanente com a literatura em torno das Vidas dos Padres do Deserto. Assim, menções a odores desagradáveis, estrondos, tremores e a presença do demônio foram certamente influenciadas pelo conhecimento que possuía desta literatura.⁵ Nesse sentido, não há, portanto, elementos que caracterizem o relato como inovador ou mesmo muito diferente do que a tradição hagiográfica já havia estabelecido quando o demônio entra em ação: estrondos, trovões, gigantes (GIORDONO, 1983: 152-153). Independentemente de suas fontes, importa-nos aqui sublinhar o fato de que os episódios buscam demonstrar o contato direto do autor com o demônio e a determinação deste em criar-lhe empecilhos.

Cabe ainda lembrar que o medo é um elemento importante na narrativa valeriana, visto que o autor destaca tal aspecto de modo a valorizar sua determinação, perseverança e fé em Deus. Ou seja, diante de algo verdadeiramente assustador, Valério só é capaz de sair imune por contar com a ajuda divina.

⁵ Na *Vita Antonii*, entre outros capítulos, a associação entre o demônio, estrondos e terremotos ou entre demônio e mau cheiro podem ser encontradas, respectivamente, nos capítulos nove e sessenta e três. Cf.: ROBERTSON, 1892, c. 9: 587; 63: 615-616.

No que concerne à forma indireta de luta contra Valério, as alusões ao demônio são múltiplas e, diferentemente, das anteriormente identificadas, ainda que mantenham vínculos com a literatura hagiográfica, revelam de modo mais rico aspectos específicos do entorno valeriano. Aqui, em suas variadas manifestações, como já mencionamos, o demônio, buscando prejudicar Valério, apresenta-se de duas maneiras: em parceria com os adversários do monge e atuando diretamente sobre alguns dos personagens prezados pelo autor.

Considerando, como já apontado, a possibilidade da opção eremítica adotada por Valério ter promovido muitos dos conflitos referidos em sua autobiografia (DÍAZ, 1997: 28-34), podemos inferir que os personagens nomeados e caracterizados pelo autor, como colaboradores do demônio, estiveram entre os seus maiores críticos. Compreendem este conjunto quatro figuras que lhes são contemporâneas: Flaino; Ricimiro; Justo, e Isidoro.

A atenção conferida a estes personagens, com o detalhamento dos absurdos que teriam cometido contra Valério, estende-se por vários capítulos. As nefastas atitudes compreendem ações concretas, como a acusação de que lhe teriam tomado os livros que havia copiado (*Ordo*, c. 6: 253), ameaça de morte por esfaqueamento (*Ordo*, c. 15: 265) e coisas do gênero, com alusões persecutórias que resultam em uma imagem destas figuras que se funde à do próprio demônio:

A despeito das acusações que faz, ao longo da narrativa, o próprio Valério fornece indícios do porquê, de fato, tais figuras lhe causavam tamanho desconforto. Os dois primeiros, Flaino e Justo, eram responsáveis por igrejas construídas em propriedades privadas. A presença de Valério nas proximidades pode ter implicado na redução das receitas de ambos, já que as doações se dirigiam crescentemente ao monge do Bierzo, cuja atração exercida sobre as populações locais é reconhecida pela historiografia.

Já Ricimiro e Isidoro, em momentos diferentes, tentaram enquadrar Valério na hierarquia eclesiástica: o primeiro decidiu torná-lo presbítero de uma igreja a ser construída e o segundo, bispo de Astorga, tentou levá-lo para Toledo, onde passaria a atuar sob jurisdição eclesiástica.

Na análise da narrativa valeriana, observamos ainda que a ação do demônio poderia promover prejuízos também ao incidir sobre personagens prezados pelo autor.

Nestas circunstâncias estão reunidas algumas das passagens a Simplício; a um jovem aluno, não nomeado; a Juan, e a Saturnino.

Simplício teria recebido o autor no seu refúgio e compartilhado dos seus objetivos, até que o invejoso inimigo fizera com que abandonasse o reto caminho. (*Ordo*, c. 14: 263). Em relação ao jovem aluno, cabe realçar que nem sempre o demônio é bem sucedido. Assim, ao fazer uma de suas aparições, disfarçado de anjo, para a criança a quem Valério ensinava a ler, não alcançou o seu intento. Ao reconhecer que se tratava de uma armadilha, Valério teria orientado a criança a ler os Salmos. De imediato, o suposto anjo teria derretido e desaparecido. (*Repl.*, c. 11: 293).

No episódio reservado a Juan, após destacar o quão promissor era seu futuro, já que havia desistido de se casar e se dedicado a partilhar as mortificações e necessidades inerentes à vida ascética, Valério descreve como o demônio instigou alguns ladrões a atacá-lo. Gravemente ferido, Juan não pode permanecer em seu intento e precisou voltar para seu local de origem. (*Repl.*, c. 12: 295).

O destino de Saturnino não foi muito diferente: tendo se iniciado na vida monástica ainda muito jovem, sob a orientação de Valério, transformou-se em seu fiel companheiro. Monge de iniciativa, foi ordenado presbítero e possuía conduta exemplar. Esta conduta, entretanto, teria sido manchada pela vanglória, caracterizada, segundo o autor, pela intenção de atrair mais pessoas que o próprio Valério (*Repl.*, c. 21: 303). Na sequência, fragilizado moralmente, teria se deixado apoderar pelo demônio. Assim, não apenas abandonou a companhia de Valério, mas o fez às escondidas carregando um asno e alguns dos livros que o autor teria copiado (*Repl.*, c. 22: 303).

Conclusão:

Dadas as opções que faz pela vida eremítica, Valério não poupa menções a sofrimentos e dificuldades. A eleição de um adversário, o demônio, é parte fundamental da sua narrativa: ele é a garantia de que empecilhos seriam criados e que as boas obras seriam dificultadas. Assim, em sua autobiografia, abundam alusões ao “inimigo” e aos confrontos que são estabelecidos entre os dois.

Em tais embates, o demônio se faz representar ora de forma direta, ora indireta. Na primeira delas os *topoi* próprios do gênero literário são recorrentes e revelam a influência da literatura hagiográfica exercida sobre o autor, com destaque para As Vidas

dos Padres do Deserto. Assim, se o relato parece pouco inovador no que concerne às circunstâncias em que Valério se depara diretamente com o demônio, devemos sublinhar que assume um tom completamente distinto nas situações em que há a intermediação de terceiros. Nesse sentido, não só podemos atribuir à opção eremítica adotada por Valério a razão dos muitos conflitos com os quais se envolve, como podemos também compreender melhor o porquê do demônio se manifestar por intermédio de determinados personagens. Ou seja, não é por acaso, que críticos do monge são caracterizados como colaboradores do demônio.

Apesar de nunca ser inteiramente bem sucedido, o demônio, ao atuar sobre aqueles que Valério estimava, causava grande malefício ao monge. Como vimos, embora prezasse uma vida de isolamento, a companhia de alguns dos seus discípulos era desejada. De acordo com a narrativa valeriana, nem mesmo este detalhe teria escapado ao demônio. Assim, pautado na lógica de que o “eterno inimigo” deveria se conduzir procurando, sempre, prejudicar-lhe, o autor reservou a tão eminente figura a capacidade de conhecer as mais variadas formas de dificultar sua vitória.

Conforme anunciou, ao justificar a redação da sua autobiografia, objetivava demonstrar que somente por meio da luta contra tal adversário ocorreria a vitória do bem contra o mal. A presença do demônio fornece, portanto, dinamismo à narrativa. Sua derrota torna-se a meta maior, já que apenas desse modo seria possível “converter-se ao Senhor na santa disciplina monástica” (*Ordo*, 27: 277). Assim, elementos de um mesmo conjunto, a ação demoníaca e a superação das dificuldades se complementam e dão maior sentido à argumentação valeriana.

Referencias bibliográficas:

Documentos medievais impresos:

DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. *Valerio del Bierzo. Su persona. Su obra*. León: Centro de Estudios e Investigación San Isidoro, 2006.

FRIGHETTO, Renan. *Valério do Bierzo. Autobiografia*. A Coruña: Toxosoutos, 2006.

ROBERTSON, Archibald. *Select Works and Letters of Athanasius, Bishop of Alexandria*. A Select Library of Nicene and Post - Nicene Fathers of the Christian Church. New York: 1892. 2d s, v. 4. <http://www.ntslibrary.com/PDF%20Books/Athanasius%20Select%20Writtings%20and%20Letters.pdf>

Bibliografia específica:

AMARAL, Ronaldo. Os Padres do Deserto na Galiza: Apropriação e usos da Literatura Monástica Oriental na Autobiografia de Valério do Bierzo. Implicações no Imaginário sobre o mal. *Revista Medievalista online*, ano 3, n. 3, p. 1-15, 2007.

BASCHET, Jérôme. O Diabo. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (coord.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP. EDUSC; São Paulo, SP. Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 319-331.

COLLINS, Roger. The 'Autobiographical' works of Valerius of Bierzo: their structure and purpose. *Antigüedad y Cristianismo. Los Visigodos. Historia y Civilización*, Murcia, n. 3, p. 425-42, 1986.

DIAZ MARTINEZ, Pablo C. e ORTÍZ DE GUINEA, Lina Fernández. Valerio del Bierzo y la autoridad eclesiástica. *Helmantica*, n. 48, p. 19-35, 1997.

FRIGHETTO, Renan. O modelo de vir sanctus segundo o pensamento de Valério do Bierzo. *Helmantica*, Salamanca, Universidad Pontificia de Salamanca, v. 48, n.145-146, p.59-79, 1997.

GIORDONO, Oronzo. *Religiosidad Popular en la Alta Edad Media*. Madrid: Gredos, 1983.

KOCHAKOWICZ, Leszek. "Diabo". In: Enciclopédia Einaudi - vol. 12, Mythos/Logos, Sagrado/Profano. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 1987. p. 243-265.

LINAGE CONDE, José Antonio. Valerio del Bierzo en la literatura monástica. *Helmantica*, Salamanca, Universidad Pontificia de Salamanca, v. 48, n. 145-146, p. 99-110, 1997.

PÉREZ SÁNCHEZ, Dionísio. Poder religioso y realidad social en la obra de Valerio del Bierzo. *Helmantica*, Salamanca, Universidad Pontificia de Salamanca, v. 48, n. 145-146, p. 165-182, 1997.

RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer. O diabo na Idade Média*. São Paulo: Masdras, 2003.

SOTOMAYOR, M. Penetración de la Iglesia en los medios rurales de la España Tardorromana y Visigoda. In: _____. *Discípulos de la Historia. Estudios sobre cristianismo*. Granada: Universidad de Granada, 2002. p. 241-271.

SANTIAGO CASTELLANOS. Conflictos entre a autoridade e o homem santo. Hacia el control oficial del *patronatus caelestis* in la Hispania Antigua. *Brocar: Cuadernos de investigación histórica*, Logroño, n. 20, p. 77-90, 1996.

VALCÁRCEL, V. Los Demonios en la hagiografía latina hispana: Algunas calas. *Cuadernos del CEMYR*, La Laguna, n. 11, p. 133 - 156, 2003.

VELÁZQUEZ, Isabel. *Hagiografía y culto a los santos en la Hispania visigoda: aproximación a sus manifestaciones literarias*. Mérida: Museo Nacional Romano, Asociación de Amigos del Museo. Fundación de Estudios Romanos, 2005. (Cuadernos Emeritenses, 32).